

(FOTO)ESCREVIVÊNCIAS DE UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO EM CIÊNCIAS DA NATUREZA E MATEMÁTICA NUMA ESCOLA DO CAMPO

Gabriele Nigra Salgado[1]
Letícia Dias Barbosa[2]

Círculo de Saber 04: Formação Inicial e Continuada de Professores

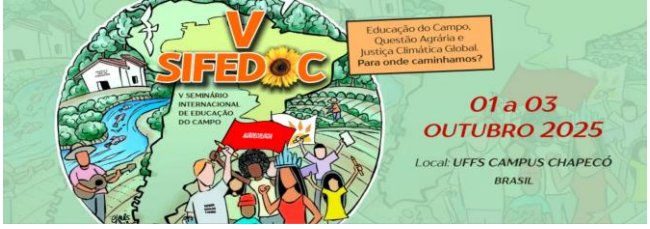
Resumo: Este trabalho compartilha uma experiência de Estágio Supervisionado em Ciências da Natureza e Matemática, desenvolvida no Ensino Fundamental de uma escola do campo. Também apresenta uma reflexão sobre a articulação da fotografia ao conceito de escrevivência, de Conceição Evaristo, como possibilidade de relato estético/sensível do processo pedagógico vivenciado por uma licencianda do curso de Educação do Campo. O estágio aconteceu na Escola Vinte e Cinco de Maio, localizada no Assentamento Vitória da Conquista, em Fraiburgo (SC), durante dois períodos de Tempo Comunidade, ao longo do primeiro semestre de 2025. No primeiro, foi realizada a observação da realidade local e da sala de aula para subsidiar o planejamento de ensino, implementado durante o segundo tempo comunidade. As (Foto)escrevivências, que compuseram o relatório de estágio, não apenas relatam a experiência de uma estudante do curso de Licenciatura em Educação do Campo, como também a descreve como "sujeito da experiência", alguém que experimenta aquilo que sucede nas relações com os estudantes e a afeta, deixando alguns rastros que marcam sua formação inicial como professora.

Palavras-chave: Educação do Campo; Estágio Supervisionado em Ciências da Natureza e Matemática; Fotografia.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência vivenciada por uma estagiária durante a disciplina de "Estágio de docência na área de Ciências da Natureza e Matemática nas séries finais do Ensino Fundamental nas escolas do campo I", ofertada na quinta fase do curso de Licenciatura em Educação do Campo

[1] Docente no curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFSC.
E-mail: gabriele.salgado@ufsc.br
[2] Discente no curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFSC.
E-mail: leticiabarbosapermacultura@gmail.com

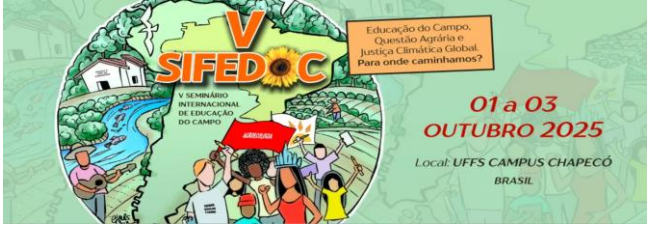


da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Também apresenta uma reflexão sobre a articulação da fotografia ao conceito de escrevivência (Evaristo, 2020), como possibilidade de relato estético/sensível do processo pedagógico de formação inicial vivenciado pela licencianda do referido curso, também autora deste trabalho.

As etapas do estágio envolveram o estudo do Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual de Ensino Básico Vinte e Cinco de Maio, localizada em Fraiburgo (SC), onde foi realizado o estágio, bem como dois períodos de imersão nessa realidade escolar, durante os Tempos Comunidade do curso. No primeiro período, aconteceu a observação e levantamento de dados da realidade para subsidiar o planejamento de uma proposta pedagógica de regência contextualizada com a realidade, a qual foi executada no segundo período de imersão. Houveram momentos de estudo teórico dos subsídios formativos condizentes com a proposta do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, com destaque para a investigação temática freireana e a Agroecologia como eixos das propostas pedagógicas.

Como forma de registro dos estudos, planejamentos e experiências vividas ao longo do estágio, foram solicitados registros no *Webfólio***,** um documento virtual compartilhado com a professora supervisora do estágio que, através do acompanhamento das produções da estagiária, potencializou a orientação do seu processo formativo. Durante a leitura, a professora se deparou com um relato sensível e potente, apresentado pela estagiária com o título de (Foto)escrevivência, uma combinação entre a escrevivência[3], de Conceição Evaristo, com a linguagem imagética. Trata-se de um exercício de “escrever”, “viver” e “se ver” (Evaristo, 2020), em diálogo com as imagens fotográficas produzidas pela própria estagiária, durante as imersões no campo de estágio, proporcionando uma experiência estética a qual propomos partilhar e refletir sobre sua potencialidade pedagógica para a formação inicial de professores na Educação do Campo.

[3] O neologismo formulado por Conceição Evaristo designa uma modalidade de escrita que articula experiências subjetivas e coletivas, com ênfase nas vivências de mulheres negras. Tal proposta ultrapassa a dimensão da autobiografia ao configurar uma escrita engajada, que expressa não apenas trajetórias individuais, mas também memórias compartilhadas e processos históricos de resistência. Assim, estabelece uma conexão intrínseca entre o pessoal, o social e o político, promovendo uma narrativa que reivindica voz, identidade e pertencimento. Desse modo, amplia-se o significado da escrevivência, que passa a operar como estratégia de ressignificação e subversão das representações históricas do passado (Evaristo, 2020).



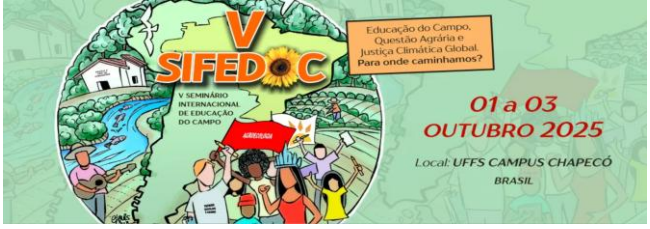
O Estágio Supervisionado em Ciências da Natureza e Matemática na Escola do Campo Vinte e Cinco de Maio (Fraiburgo/SC)

A disciplina teve como objetivo geral elaborar e implementar propostas exploratórias e introdutórias de ensino nos anos finais do ensino fundamental, na perspectiva da Educação do Campo, visando articular conhecimentos específicos das áreas das Ciências da Natureza e Matemática com problemáticas advindas da realidade e integradas com a comunidade. Além disso, buscou viabilizar a discussão, análise e investigação de temáticas, definidas a partir da realidade, que pudessem subsidiar o planejamento e a implementação da regência.

O estágio foi realizado na Escola do Campo Vinte e Cinco de Maio, localizada no Assentamento Vitória da Conquista, em Fraiburgo/SC. A escolha desta instituição justifica-se por se tratar de uma escola no contexto de assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), cuja proposta pedagógica baseia-se na Pedagogia da Alternância, organizada em Tempo escola e Tempo Comunidade, o que está em consonância com os princípios das Licenciaturas em Educação do Campo.

A Escola de Educação Básica Vinte e Cinco de Maio foi criada em 1989, no contexto da luta pela reforma agrária. As famílias dos assentamentos União da Vitória e Vitória da Conquista são provenientes da primeira ocupação do MST em Santa Catarina, ocorrida em 1985. Inicialmente, as aulas eram ministradas ao ar livre, sob árvores, onde os alunos do 1º ao 4º ano utilizavam o chão como caderno e pedaços de madeira como lápis (PPP, 2025). A luta dos assentados por uma estrutura escolar adequada resultou na destinação de 32 hectares pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA e na construção de salas de aula e contratação de professores pelo governo estadual em 1987 (PPP, 2025). O MST assumiu a responsabilidade pela produção e organização da escola, que foi oficialmente inaugurada no final da década de 1980.

O currículo da EEB Vinte e Cinco de Maio foi elaborado com base nos princípios da Educação do Campo, integrando técnicas e conhecimentos agropecuários e expandindo-se para os níveis médio e profissional. Neste contexto escolar específico, foram observadas e vivenciadas práticas pedagógicas alinhadas à realidade do



campo, visando contribuir para a formação inicial das licenciandas inseridas neste campo de estágio.

Para além da prática pedagógica em si, vivenciar esta realidade do campo, conhecer seus sujeitos, suas histórias e lutas, proporcionou uma sensibilização que, nas palavras da estagiária autora deste trabalho, foi "transformadora". Como sujeito da experiência[4] (Larrosa, 2002), ela narra, em primeira pessoa, suas (foto)escrevivências, as quais foram organizadas nos dois distintos momentos de imersão do estágio: um de observação e estudo da realidade e, o outro, referente à implementação da regência.

(Foto)Escrevivências de uma estagiária da Licenciatura em Educação do Campo

Escrever, ver e me ver através das lentes é, para mim, uma experiência transformadora. Por isso, trago para este registro de estágio a imagem fotográfica como uma linguagem que me ajuda a expressar as vivências potentes e inspiradoras na EEB Vinte e Cinco de Maio, em Fraiburgo/SC.

Primeira imersão: "Semeadura e Colheita"

Era 1º de Abril, o dia em que aprendi a quebrar milho, na atividade de campo do ensino médio técnico em Agroecologia. Era colheita e plantio, assim tudo junto. Foi aí, neste campo, que joguei as sementinhas do empoderamento para as estudantes que relataram não gostar das atividades laborais na escola e que não tinham muito acesso à lazer e a "coisas normais de adolescentes". Foi, então, que eu disse:

_ Vamos fazer primeiro a tarefa e depois faço um ensaio de fotos com vocês.

Todas animaram-se com a proposta, inclusive a professora da escola! Marcamos um horário para fazer as fotos e, mesmo sem muita técnica, com um pouco de edição no aplicativo do celular elas gostaram do resultado (Figura 1).

[4] [...] o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível onde aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. [...] é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar. [...] é, sobretudo, um espaço onde têm lugar os acontecimentos (Larrosa, 2002, p. 24).

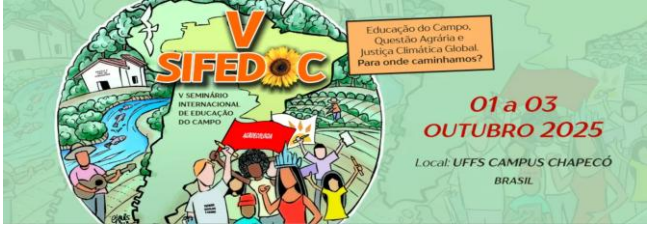
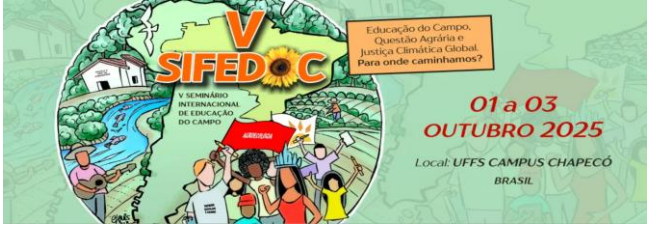


Figura 1: “Colheita - quebrar o milho, plantar sementes”



Fonte: Acervo pessoal da estagiária



Eu também gostei muito da experiência de fazer os registros nesse contexto, onde pretendo aprofundar meus estudos sobre educação do campo e agroecologia.

Já na primeira observação em sala de aula, parecia que estava mais observando se o "tempo estava bom para preparar a terra". Anotei tudinho o que a "profe" passou. Escutei, observei e logo a aula de rochas acabou. Voltei no dia seguinte, já sabia o nome dos alunos e um deles sentou-se ao meu lado. Ajudei-o na correção das atividades do dia anterior e no final da aula, ganhei um super abraço.

Na observação da disciplina de matemática, a professora de convivência substituiu a "profe" de matemática, passou exercícios de multiplicação e tabuada. No final da aula, ganhei um abraço coletivo.

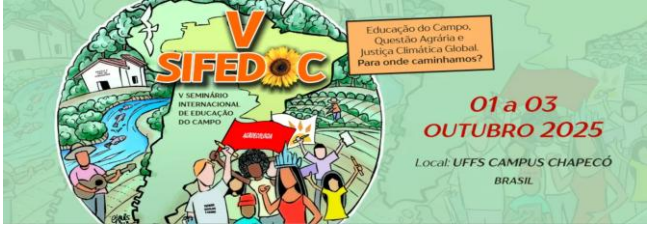
Na observação do 6º ano do ensino Fundamental, na EEB Vinte e Cinco de Maio, percebi que todos os estudantes vinham de famílias agricultoras da região. Alguns com muita dificuldade na leitura e interpretação, outros com muita habilidade nas tarefas em sala. De maneira geral, a turma é tranquila e solícita. São afetuosos e bagunceiros, também. Vi grande potencial nos estudantes, que pode ser melhor aproveitado em espaços de aprendizagem ao ar livre. Neste sentido, no plano de regência serão previstas atividades a partir de metodologias aplicadas fora de sala.

Segunda imersão: "Chegança, Observação, Contemplação, Semeadura, Colheita, Ciclos e Pousio"

A regência, realizada dois meses após a etapa de observação, foi relatada por meio de sete metáforas, apresentados no título acima e organizadas numa apresentação que mistura imagens e textos. Por conta da restrição de número páginas deste relato, apresentamos apenas o texto extraído do *webfólio*, mas a composição com as imagens pode ser acessada através deste link: https://youtu.be/f22Cf0Ux3ZI

Chegança

> *Lutar pela terra, lutar pelas plantas, lutar pela agricultura, porque se não vivermos dentro da agricultura, vamos acabar. Não tem vida que continue sem terra, sem agricultura* (Primavesi *apud* ABA, 2020).



Nossa viagem, agendada para a manhã do dia 10 de junho de 2025, transcorreu tranquila e mais fria (a cada aumento da altitude). Chegamos no início da tarde, no horário programado e fomos acolhidas da mesma forma, como no primeiro período. Utilizei as últimas horas da tarde para organizar os materiais da aula de agroecologia, agendada para a tarde do dia seguinte. Montei as plaquinhas “agroecologia” e “agronegócio”, recortei as imagens que havia selecionado, conferi o plano de aula e tentei ficar tranquila com os fatores que podia controlar.

Observação

A terra não é um 'recurso', mas um organismo vivo que possui necessidades.
(Primavesi, 2022)

Fiquei surpresa com a mudança da paisagem que modificou tanto quanto a temperatura, afinal são mais de 1000 metros de altitude de diferença entre Florianópolis e Fraiburgo. Além da paisagem, observei o que havia mudado na escola: novos cartazes, uma horta vertical e a abundância do horto medicinal.

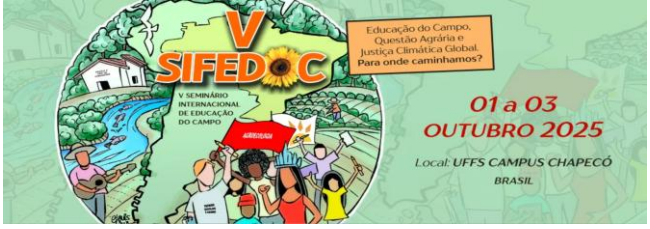
Contemplação

Tudo está interligado: a terra, a água, o ar, as plantas e os animais
(Primavesi, 2022)

Era semana de lua cheia, céu limpo e temperatura abaixo dos 10ºC, vimos aquela bola laranja surgir por detrás das araucárias e avistamos com perfeição algumas constelações. Tudo isso me trouxe a importância de estar naquele lugar e tentar sensibilizar os alunos do 6º ano para os princípios da agroecologia e suas dimensões.

Semeadura

O segredo da vida é o solo, porque do solo dependem as plantas, a água, o clima e a nossa vida. Tudo está interligado. Não existe ser humano sadio se o solo não for sadio (Primavesi, 2009, p. 24).



Sou guardiã de sementes há quase uma década, isso sempre me faz retornar para quem sou. No início, andava com as sementes sempre na mochila aguardando a oportunidade de trocar com alguma agricultora urbana, logo construí um banco de sementes coletivo que batizei de Ana Primavesi. Agora descobri outras formas de semear e ainda estou conhecendo essas possibilidades.

Para essa fase do estágio escolhi o tema da agroecologia com o objetivo de sensibilizar os estudantes, utilizando imagens e o jogo Mancala[5]. O plano de aula foi dividido em três pontos: problematização, organização do conhecimento e conclusão.

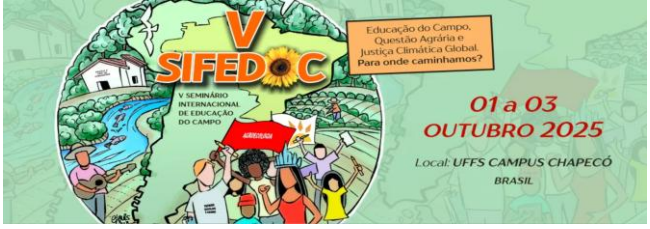
Ao chegar na sala de aula, organizei as carteiras em semicírculo para que todos pudessem olhar e se ver. Pontuei no quadro branco o que faríamos naquela tarde e deixei as sementes e demais materiais sobre a mesa maior.

Bateu o sinal e os oito alunos entraram em sala. Iniciamos com uma apresentação pessoal de cada um(a) e pedi a eles que falassem uma palavra que os representasse. Durante a dinâmica da problematização começamos a explorar o tema “agroecologia”, que consistia em apresentar diferentes modelos de agricultura de base ecológica, em contraponto ao agronegócio. Distribui tarjetas com as palavras “agronegócio” e “agroecologia” para cada aluno levantar quando percebessem na imagem o que representava um ou outro modelo de agricultura. Quando questionei se já haviam falado ou estudado o tema, a maioria respondeu negativamente. Isso me deixou insegura em colocar os conceitos que havia programado no plano de aula. Decidi passar para a dinâmica com o jogo Mancala, e tentar relacionar os conceitos durante as jogadas.

Expliquei as regras do jogo e fizemos uma rodada teste, mas estava com uma situação que nunca tinha vivido: um estudante com crise de ansiedade. Nesse momento, ele estava jogado no chão com a roupa sobre o rosto e, ao mesmo tempo, uma aluna neuro divergente se interessou pelo jogo e precisava dar atenção (ela ainda não havia se integrado nas atividades). Precisei, ainda, orientar outro pequeno grupo na elaboração de dois cartazes.

---

[5] Mancala, que deriva da palavra árabe *naqaala* (mover), é o nome dado pelos antropólogos para descrever um grande número de jogos africanos. Geralmente para duas pessoas, que se baseiam no princípio da distribuição de sementes num tabuleiro feito de diferentes materiais e formado por algumas casas representadas por concavidades nele escavadas (berços). Esse princípio está diretamente associado ao ato de semear e, ao que se acredita, os Mancalas seriam os jogos mais antigos do mundo.



Na academia não nos preparam para essas situações, mas elas são mais frequentes do que imaginamos. Quando vi tudo isso acontecendo ao mesmo tempo, pensei: calma, vou dar conta. Só usei a sensibilidade e os aprendizados da maternidade para acolher cada estudante na demanda individual, mesmo que a demanda coletiva (aula de agroecologia) ficasse um pouco prejudicada.

Considerando as situações em sala, propus para a professora supervisora que saíssemos de sala para visualizar alguns conceitos agroecológicos na prática. Visitamos o viveiro de mudas e a agrofloresta onde relacionei conceitos como: diversidade, consórcio de culturas, cobertura de solo. Os estudantes escreveram no caderno fatores que precisamos para a agroecologia acontecer: sol, água, adubo orgânico, sementes, mudas, cobertura, etc.

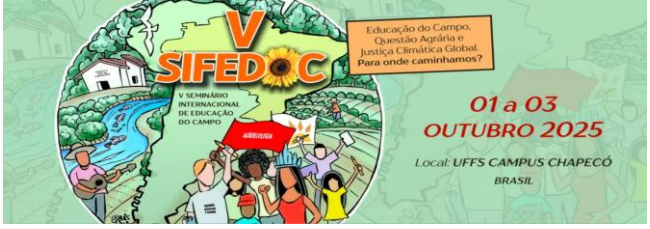
Durante o roteiro, colhemos bergamotas e aproveitamos o sol no pátio da escola. Observei que atividades fora da sala de aula não são realizadas normalmente com as turmas do ensino fundamental. Na minha percepção, a escola que possui 32 hectares é um laboratório a céu aberto e poderia ser melhor aproveitada para aulas das diversas disciplinas. Considero que, os momentos de troca com os estudantes, foi como o preparo do solo para uma plantação fértil que, a partir da curiosidade deles e incentivo da escola, pode se realizar uma abundante colheita de saberes.

Colheita

> *Quem tenta agradar a terra, agrada às plantas. E quem quer confortar as plantas, conforta a si mesmo, porque elas agradecem com uma produção farta, nutritiva e barata.* (Primavesi, 2020, p.12).

Uma das estratégias pedagógicas que escolhi foi o Jogo Mancala, cujo objetivo é colher o maior número possível de sementes. Foi interessante observar a curiosidade que a turma do 6° ano demonstrou ao aplicar essa ferramenta. As jogadas baseadas no raciocínio lógico, estratégias e também a cooperação estabeleceram um momento muito rico em diversos aprendizados. No entanto, não consegui relacionar os conceitos de agroecologia de maneira objetiva, conforme havia planejado.

No final, todos colheram: uns sementes que eu levei do meu banco, outros conhecimentos e eu, muito aprendizado. Foi uma safra satisfatória!



Ciclos

Tudo é constituído por ciclos. Cada estágio é importante para que o ciclo se conclua.
(Primavesi, 2020, p. 5).

Assim como o sol e a lua nascem e se põe todos os dias, os equinócios e solstícios tem seus períodos, todos os demais ciclos da vida acontecem ciclicamente, inclusive na agricultura.

Ao pesquisar a palavra estágio descobri que, além de ser o momento pedagógico supervisionado, pode se referir a pontos específicos dentro de um processo ou um período de tempo e, imediatamente, relacionei aos estágios da agricultura proposto neste trabalho. Tudo isso me remete às diferentes fases desta disciplina, mas também da vida.

Estamos em um constante aprendizado, formal e não formal, superando as etapas e desafios de cada um deles, numa espiral às vezes ascendente e, em muitos, descendente. Chego ao final deste ciclo de estágio na EEB 25 de Maio com a certeza de ter feito o melhor possível, com intencionalidade e dedicação.

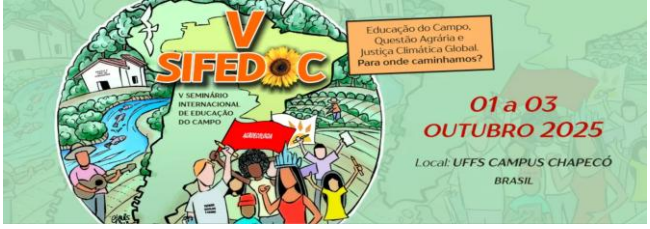
Pousio

Pouco a pouco o homem compreende que não pode dominar a natureza, mas tem que obedecer às suas leis, inserindo-se nos ecossistemas.
(Primavesi, 1999, p. 33)

É tempo de refletir, voltar pra dentro, ter chão pra pisar.

Considerações finais

As (foto)escrevivências apresentadas, não apenas relatam a experiência de estágio de uma estudante do curso de Licenciatura em Educação do Campo, como também a descreve como “sujeito da experiência” (Larrosa, 2002), alguém que experimenta aquilo que sucede nas relações (com os estudantes, com as pessoas da escola, com o ambiente) e a afeta, deixando alguns rastros que marcam sua formação inicial como professora.

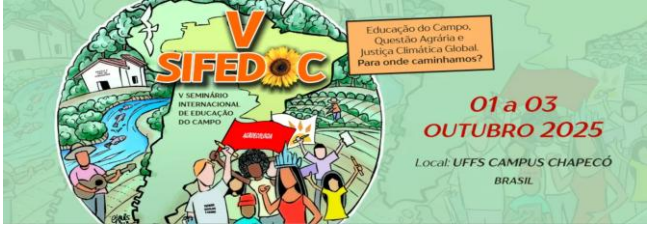


Ao ler as (foto)escrevivências e se relacionar com as imagens, é possível sentir um pouco desta experiência de estágio e se afetar por essas imagens e palavras, proliferando pequenos acontecimentos que escapam ao constante controle exercido pelo pensamento teórico-racional, tão comum na academia e nos relatórios de estágio. Desse modo, as (foto)escrevivências se apresentam como uma "possibilidade de transformar uma experiência pessoal e subjetiva em uma forma estética que pode ser reapropriada ao modo do leitor e da leitora" (Salgado, 2025, p. 121).

De acordo com Larrosa (2002) a experiência só tem sentido no modo como configura uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). É, portanto, pensando sobre o que somos e o que nos tornamos nos itinerários de nossa própria formação que vislumbramos a (foto)escrevivência como um potente registro estético/sensível que inspira outro pensamento para a educação e a formação inicial de educadores. Não para que seja uma nova fórmula a ser instituída, mas porque instaura "a arte da educação como invenção, que não é outra coisa senão a arte de fazer com que cada um se torne único em seu projeto de criação, até sua própria altura, até seu próprio voo, até o melhor de suas potencialidades" (COSTA; CARDOSO, 2015, p. 13).

Por fim, cabe destacar que a imagem, incorporada pela estagiária em seu relato de estágio, não representa apenas um registro das experiências por meio das fotografias, mas, também, uma linguagem própria, que com seus códigos, procedimentos técnicos de edição e de produção de planos, amplia as possibilidades de produzir significados próprios da cultura de quem fotografa ou é fotografado (Oliveira Jr., 2016). Em outras palavras, a apropriação dos códigos requeridos pela linguagem imagética permite compreender os mecanismos pelos quais se constroem, subjetivamente, os valores, crenças e significados que influenciam determinadas escolhas e visão de mundo.

Em consonância com o projeto de educação proposto pela Educação do Campo, pautado na valorização da diversidade cultural presente no campo, nas águas e nas florestas, bem como nas especificidades desses povos, os sujeitos envolvidos em processos educativos que envolvam a produção de imagens podem partilhar significados próprios da identidade cultural a que pertencem, sendo a produção de



narrativas imagéticas por meio da (foto)escrevivência uma forte aliada de projetos educativos emancipatórios.

Referências bibliográficas

ABA, Associação Brasileira de Agroecologia. À Ana Maria Primavesi: nosso profundo agradecimento. 2020. Disponível em: <https://aba-agroecologia.org.br/a-ana-maria-primavesi-nosso-profundo-agradecimento/> [Acesso em: 09/07/2025].

COSTA, Gilcilene Dias da; CARDOSO, Roseli Moraes. **Uma educação como invenção em Dalcídio Jurandir:** a literatura como convite ao pensar/filosofar. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 37., 2015, Florianópolis. Anais... Florianópolis, 2015.

EVARISTO, Conceição. A Escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.); ilustrações Goya Lopes. **Escrevivência:** a escrita de nós - reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020a. p. 26-46.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado de. M. A escuta das imagens. Linha Mestra, Campinas, v. 10, n. 29, p. 9-12, 2016.

PRIMAVESI, Ana Maria. **Frases da Primavesi**. 2022. Disponível emhttps://anamariaprimavesi.com.br/2022/04/15/frases-da-primaves: [Acesso em: 09/07/2025].

PRIMAVESI, Ana Maria. **Manejo Ecológico do Solo:** Agricultura em Regiões Tropicais. São Paulo: Nobel, 1999.

PRIMAVESI, Ana Maria, **Cartilha da Terra.** São Paulo: Expressão Popular, 2020.

PRIMAVESI, Ana Maria, **Cartilha do solo:** como reconhecer e sanar seus problemas**.** São Paulo: MST, 2009.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, Escola Estadual de Educação Básica 25 e cinco de maio, 2025.

SALGADO, Gabriele Nigra. Conficções: educação como invenção. **Leitura:** Teoria & Prática, Campinas, São Paulo, v.43, n.93, p.107-122, 2025.